

Os dados que sua empresa esqueceu podem ser exatamente os que os hackers procuram

Credenciais antigas, sistemas legados e informações sem governança ampliam vulnerabilidades silenciosas em ambientes corporativos cada vez mais complexos

Em um cenário corporativo cada vez mais orientado por dados, um dos maiores riscos de segurança pode estar justamente nas informações que empresas esqueceram que existem. Arquivos antigos, bancos de dados desatualizados, backups armazenados sem monitoramento, sistemas legados e credenciais sem uso ativo passaram a representar uma superfície silenciosa e crescente para ataques cibernéticos.

A expansão acelerada da digitalização fez com que empresas acumulassem grandes volumes de informações ao longo dos anos, muitas vezes sem políticas claras de descarte, classificação ou monitoramento contínuo. O problema é que, mesmo sem uso operacional, esses dados continuam acessíveis em servidores, nuvens, dispositivos ou ambientes híbridos e frequentemente fora do radar das equipes de segurança.

O tema ganhou relevância à medida que ataques passaram a explorar vulnerabilidades em ambientes considerados “secundários”. Credenciais antigas, aplicações sem atualização e repositórios esquecidos têm sido utilizados como pontos de acesso por criminosos digitais justamente por receberem menos atenção dos controles tradicionais de segurança.

Segundo o relatório “Sophos Active Adversary Re-



port 2025”, credenciais comprometidas foram a principal causa raiz dos ataques cibernéticos pelo segundo ano consecutivo, aparecendo em 41% dos casos analisados. O levantamento também aponta que 56% dos invasores conseguiram acesso aos ambientes corporativos utilizando contas válidas e serviços remotos expostos, muitas vezes ligados a acessos antigos, permissões sem revisão e ativos pouco monitorados.

Além do impacto operacional, o risco também envolve conformidade regulatória e exposição de dados sensíveis. Informações antigas podem conter registros financeiros, documentos internos, credenciais de acesso e até dados pessoais protegidos por legislações como a LGPD. Em muitos casos, o problema não está apenas em um vazamento ativo, mas na simples permanência de dados sem governança adequada.

“Existe uma falsa percepção de que apenas os

ambientes críticos e ativos representam risco. Hoje, muitos ataques começam justamente em estruturas esquecidas pela operação, como backups antigos, sistemas legados ou acessos que nunca foram desativados. O dado sem gestão também se torna vulnerabilidade”, Augusto Eduardo Fernandes Saraiva, Engineering Sales Specialist da Adistec.

Segundo o executivo, o avanço da inteligência artificial e da automação também aumentou a capacidade dos criminosos de localizar falhas ocultas dentro das infraestruturas corporativas. “Os ataques estão cada vez mais rápidos e automatizados. Muitas vezes, sistemas esquecidos acabam sendo os alvos mais fáceis justamente porque ficaram anos sem revisão, atualização ou monitoramento adequado”, explica Saraiva.

Como reduzir os riscos?
O especialista alerta que o primeiro passo é entender que segurança digital não

envolve apenas proteger ambientes críticos, mas também manter controle sobre todo o ciclo de vida da informação. Isso inclui mapear ativos digitais, revisar constantemente permissões de acesso, eliminar credenciais obsoletas e estabelecer políticas claras de retenção e descarte de dados.

A adoção de ferramentas de monitoramento contínuo, inventário automatizado de ativos e gestão integrada de ambientes híbridos também ganha importância diante da crescente complexidade das operações corporativas. Sistemas antigos e aplicações legadas precisam ser incluídos nas estratégias de segurança com o mesmo nível de atenção dedicado às infraestruturas mais modernas.

“Muitas empresas ainda possuem ambientes criados há anos que continuam conectados à operação sem qualquer revisão de risco. O problema é que o criminoso não diferencia o que é antigo ou novo: ele procura o caminho mais vulnerável. E, hoje, esse caminho muitas vezes está nos dados esquecidos”, finaliza Saraiva.

Mais do que proteger apenas os sistemas em uso, o desafio atual da cibersegurança passa a incluir tudo aquilo que permanece armazenado, conectado e acessível, mesmo quando já foi esquecido pela empresa.

Negócios & Carreira



Fabiana Monteiro (*)

Responsabilidades sociais são o verdadeiro legado da liderança

Da área técnica à presidência do Grupo Sabin, Lídia Abdalla mostra como propósito, aprendizado e responsabilidade social impulsionam uma liderança transformadora

A trajetória de Lídia Abdalla demonstra que uma carreira sólida é construída por meio do aprendizado contínuo, da coragem para enfrentar desafios e da disposição para evoluir. Presidente Executiva (CEO) do Grupo Sabin, ela transformou mais de duas décadas de dedicação à empresa em uma história marcada pela liderança, inovação e responsabilidade social.

Natural de Alpinópolis (MG), Lídia deixou a cidade natal aos 14 anos para buscar melhores oportunidades de estudo. Incentivada pelos pais, que sempre priorizaram a educação e transmitiram valores como honestidade, humildade e integridade, mudou-se para Belo Horizonte e, posteriormente, graduou-se em Farmácia-Bioquímica pela Universidade Federal de Ouro Preto.

Foi ainda na universidade que descobriu sua paixão pelas Análises Clínicas e conheceu o marido, Andrey. Pouco tempo depois, mudou-se para Brasília, onde enfrentou dificuldades para ingressar no mercado de trabalho. A persistência, entretanto, abriu caminhos. Em 1999, ingressou no Sabin como trainee, decisão que mudaria definitivamente sua carreira.

Ao optar por dedicar-se exclusivamente ao laboratório, abriu mão de outros empregos para investir em uma oportunidade que acreditava ser transformadora. O reconhecimento veio rapidamente. Passou pela coordenação técnica, gerências e superintendências, sempre ampliando seus conhecimentos por meio de especializações, mestrado e MBA em Gestão Empresarial pela Fundação Dom Cabral.

A transição da área técnica para a gestão representou um dos maiores desafios de sua trajetória. Para assumir responsabilidades estratégicas, buscou formação em liderança, finanças, logística, governança corporativa e gestão de pessoas, compreendendo que liderar exige preparo muito além da competência técnica.

Ao longo dessa jornada, foi inspirada pelas fundadoras do Grupo Sabin, Janete Vaz e Sandra Costa, que se tornaram referências de liderança feminina, inovação e empreendedorismo. Sob sua liderança, o Grupo Sabin



Lídia Abdalla.

consolidou importantes processos de governança corporativa, expandiu suas operações pelo Brasil e fortaleceu uma cultura organizacional baseada na excelência, inovação e desenvolvimento humano.

Para Lídia, o conhecimento nunca pode ser encarado como um ciclo encerrado. Um líder precisa manter a curiosidade, aprender continuamente, desenvolver a escuta ativa e criar ambientes capazes de estimular colaboração, empatia e crescimento coletivo. As competências técnicas permanecem essenciais, mas as habilidades comportamentais são cada vez mais determinantes para formar equipes de alta performance.

Essa visão tornou-se ainda mais evidente durante a pandemia, quando a sensibilidade, a comunicação transparente e a capacidade de cuidar das pessoas mostraram-se fundamentais para enfrentar um dos períodos mais desafiadores da história recente. Segundo ela, liderar também significa reconhecer vulnerabilidades, fortalecer relações de confiança e inspirar pelo exemplo.

O conceito de legado ocupa posição central em sua filosofia de liderança. Para Lídia Abdalla, empresas não devem buscar apenas resultados financeiros, mas contribuir para uma sociedade mais justa, diversa e sustentável. A pauta ESG, a inclusão, a equidade de gênero e o compromisso ambiental precisam fazer parte das decisões estratégicas de qualquer organização que pretenda construir valor no longo prazo.

Ela acredita que a nova geração chega ao mercado mais consciente de seu papel social e possui potencial para transformar o mundo. Cabe às lideranças criar ambientes que valorizem a diversidade, promovam oportunidades e incentivem o desenvolvimento contínuo das pessoas.

Mais do que construir uma carreira de sucesso, Lídia Abdalla demonstra que a verdadeira liderança se mede pela capacidade de desenvolver pessoas, transformar organizações e deixar um legado positivo para as futuras gerações. Afinal, como defende a executiva, somente o trabalho coletivo e o compromisso com a redução das desigualdades permitirão construir um futuro melhor.

(*) - Chairman, CEO da Editora Global Partners – Affiliated to Institute of Coaching at McLean Hospital, associate Harvard Medical School – (ICPA).
Conselheira de empresas.

Eleições de 2026 entram no radar das empresas e mudam decisões de crescimento

O movimento de cautela já afeta o planejamento corporativo, especialmente em negócios mais expostos a crédito, consumo e expansão.

A aproximação das eleições brasileiras de 2026 já começa a influenciar o ambiente de negócios, em um momento em que empresários ainda convivem com juros elevados, inflação acima da meta e crescimento econômico moderado. O Relatório Focus do Banco Central, divulgado em maio, aponta expectativa de inflação de 4,91% para 2026 e crescimento do PIB de 1,85%, sinalizando um ambiente de menor previsibilidade para decisões empresariais.

Para Ravell Nava, estrategista empresarial e fundador da BRL Educação, escola de negócios para empresários, líderes e gestores, o período eleitoral costuma amplificar movimentos de cautela já presentes no mercado. “A eleição não cria a incerteza sozinha, mas ela intensifica decisões represadas. Empresários adiam expansão, seguram contratações, reavaliam investimentos e passam a operar com maior atenção ao caixa porque existe uma dificuldade natural de prever qual será a condução econômica após o pleito”, afirma.

Levantamento da PwC com CEOs globais mostra que a confiança dos executivos no crescimento das receitas no curto prazo caiu ao menor nível

em cinco anos, refletindo preocupações com instabilidade econômica, mudanças regulatórias e incertezas geopolíticas.

Empresários aumentam a cautela em relação a decisões empresariais

No Brasil, embora o calendário eleitoral ainda esteja em fase inicial, o histórico mostra que períodos de transição política tendem a elevar volatilidade cambial, alterar expectativas econômicas e afetar o apetite por investimento.

Para empresas expostas ao consumo, crédito ou importação, o impacto costuma ser ainda mais sensível. “Negócios que dependem fortemente de crédito, importação, consumo parcelado ou expansão acelerada sentem primeiro porque qualquer mudança de expectativa afeta comportamento de compra, custo financeiro e planejamento operacional. O erro é agir como se o ambiente fosse totalmente previsível”, diz Ravell.

Segundo ele, a resposta empresarial não deve ser paralisia, mas gestão mais disciplinada. Isso inclui revisão de estrutura de custos, fortalecimento de caixa, análise de exposição financeira e maior rigor nas decisões de expansão. “Empresas maduras não param por causa da incerteza política. Elas ajustam a rota. Quem opera com método entende que momentos de instabilidade exigem leitura mais

técnica do negócio, não decisões emocionais”, afirma.

Disciplina financeira se torna prioridade para empresários

Em anos eleitorais, mudanças na percepção econômica influenciam diretamente a confiança de consumidores e investidores, afetando o ritmo de compras, crédito e comportamento comercial, especialmente em setores como varejo, serviços, educação e bens duráveis.

Ravell afirma que os empresários precisam evitar dois extremos comuns nesse tipo de ciclo: expansão impulsiva ou retração excessiva. “Tem empresa que acelera sem critério tentando aproveitar uma suposta janela e tem empresa que congela tudo por medo. Nenhum dos dois movimentos costuma funcionar bem. O mais inteligente é trabalhar com cenários, proteger margem e manter capacidade de adaptação.”

Com outros eventos relevantes no radar de 2026, como a Copa do Mundo e possíveis oscilações no ambiente internacional, o componente eleitoral se soma a um conjunto maior de variáveis que exigem gestão mais estratégica. “Empresário não controla eleição, política monetária ou tensão global. O que ele controla é a qualidade da gestão, a disciplina financeira e a velocidade de resposta. É isso que separa quem atravessa períodos de incerteza de quem fica refém deles”, conclui.